

A metafísica do bem na filosofia da natureza de Santo Agostinho

The Metaphysics of Goodness in St. Augustine's Philosophy of Nature

Marcos Roberto Nunes Costa¹

Resumo: Partindo do princípio judaico-cristão de que Deus, ser único, mediante um ato livre de amor, criou todas as coisas a partir do nada (criação *ex nihilo*), Santo Agostinho defende que no universo físico, criado e governado por Deus, não há espaço para a desordem ou imperfeição (o mal), mas que a natureza é perfeitamente ordenada e harmoniosa, não havendo senão o bem, de forma que em Agostinho, existir, ser e bem são sinônimos. Já o suposto mal físico, ou a imperfeição no universo, não passa de uma ausência ou privação do bem, que acontece não como ser, mas como não ser.

Palavras-chave: Agostinho. Natureza. Bem. Metafísica.

Abstract: Assuming that the judeo-christian God, being single, by a free act of love, created all things from nothing (*ex nihilo* creation), St. Augustine argues that the physical universe, created and governed by God, no space for the disorder or imperfection (evil), but that nature is perfectly ordered and harmonious, but there is no good, so that in Augustine, exist, be well and are synonymous. Since the alleged physical harm, or imperfection in the universe, there is an absence or privation of good, which happens to be not as, but not how.

Keywords: Augustine. Nature. Goodness. Metaphysics.

1 O princípio da criação *ex nihilo*, alicerce ontológico da cosmologia agostiniana

Não resta dúvida que toda cosmologia agostiniana assenta-se no princípio judaico-cristão de que Deus, Ser único, criou todas as coisas por um ato livre de amor a partir do nada, ou melhor sem precisar de nenhuma matéria pré-existente,

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade do Rio grande do Sul, Pós-doutorado em filosofia medieval na Universidade do Porto - Portugal, professor e pesquisador em filosofia de Santo Agostinho na Universidade Federal de Pernambuco UFPE. Email: marcosnunescostas@hotmail.com

denominado de criação *ex nihilo*)².

Para explicar tal princípio, muito ridicularizado pelos maniqueus, Agostinho dedica os dois primeiros capítulos do livro I da obra *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*³, no qual demonstra que o mundo não é autônomo, não forma um princípio nem um fim em si mesmo, mas foi criado por um ato livre de Deus, a partir do nada, contrariamente ao pensamento anterior a ele, o neoplatonismo, por exemplo, que concebia o mundo material como emanção necessária eterna ou coeterna com o Uno - Deus, e o maniqueísmo, no qual a matéria, além de ser eterna, aparece como um princípio independente de Deus.

Além de demonstrar que Deus fez o mundo a partir do nada, num segundo momento, a partir do capítulo 3, livro I, da referida obra, Agostinho passa a mostrar como se deu a criação, que, segundo ele, aconteceu, e continua acontecendo até hoje de forma progressiva, dividida em três momentos: No primeiro momento (*creatio prima*), Deus criou a matéria informe *ex nihilo*, conforme explica Agostinho respondendo à crítica dos maniqueus: “Como é que Deus fez no princípio o céu e a terra, se antes existiam invisíveis e informes?” (*De Gen. contra man.*, I, 3, 5). Ao que responde:

Querendo antes censurar que conhecer as divinas Escrituras, não entendem as coisas mais evidentes. Que coisa pode dizer-se mais clara que esta, ‘no princípio fez Deus o céu e a terra, e a terra era invisível e informe? Quer dizer, no princípio Deus fez o céu e a terra, e aquela mesma terra que fez era invisível e informe antes que Deus a adornasse, com distinção concentrada, em seus lugares e tempo, com as formas de todas as coisas (*Ibidem.*, I, 3, 5).

Ou seja, “primeiramente a matéria foi feita confusa e sem forma, para que dela mais tarde se fizessem todas as coisas que hoje estão separadas e formadas” (*Ibidem*, I, 5, 9).

A matéria informe é, pois, o substrato primeiro de onde irão sair os seres, nos momentos seguintes⁴. O segundo momento (*creatio secunda*) consiste na informação

² (Azcone:1996, p.30). Para José Luís Azcone, a noção judaico-cristã de criação é o que torna a cosmologia agostiniana diferente das que o antecederam, pois, “no pensamento grego, o mundo é eterno ou pelo menos a matéria de que foi formado é preexistente e independente da divindade [...]. O Cristianismo defende que o mundo foi criado, vale dizer, sua origem não se encontra em um ser preexistente e independente de Deus, mas no nada”.

³ Toda referência a obra “*Del Genesis contra los maniqueos*” segue doravante a esta edição da BAC, abreviada pela sigla, *De Gen. contra man.*

⁴ Aqui, observamos que o conceito de “matéria informe” de Agostinho em muito se afasta da noção de “matéria informe” de Plotino, que este denominava de “nada”. Primeiro, porque o “nada” de Plotino não é um “nada absoluto”, pois é identificado com a matéria. Segundo, pelo contrário, o “nada absoluto”

do informe por parte de Deus, isto é, a formação dos seres a partir da matéria informe criada por Ele. E é aqui que entram os famosos sete dias da criação, quando Deus fez surgir ou multiplicar-se os seres particulares a partir da matéria informe.

Além disso, há um terceiro momento, onde acontece a multiplicidade dos seres a partir dos já criados, através das *rationes seminales*⁵. Ou seja, Deus colocou no mundo algumas coisas apenas em potência, ou os germes invisíveis das coisas, para que, no decurso dos séculos e debaixo da sua divina Providência, pudessem se desenvolver, dando origem aos novos seres. E assim Deus continua sua criação através dos tempos. Por isso, Agostinho diz nas *Confissões*⁶: “Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que não existisse” (*Conf.*, XI, 4, 6).

Entretanto, afirmar o segundo e terceiro momentos da criação não significa negar o princípio segundo o qual “Deus fez todas as coisas do nada num só instante”, mas tão-somente que o segundo e terceiro momentos já estavam incluídos no primeiro, ou que tudo já estava em potência na primeira criação que foi a matéria informe. A matéria informe é a matéria-prima ou o substrato do qual sairá tudo. Por isso Agostinho diz:

E, portanto, retissimamente se crê que Deus fez todas as coisas do nada, porque se todas as coisas foram tiradas com suas particularidades desta primeira matéria informe, esta mesma matéria foi criada do nada absoluto (*De Gen. contra man.* I, 6, 10).

Em síntese: a) para o santo Doutor, todas as criaturas foram tiradas do nada num só momento, por simples ato da vontade, estando tudo já presente potencialmente na matéria informe; b) no instante da criação (na formação a partir da matéria informe), alguns seres foram formados completos e perfeitos, como é o caso dos anjos, dos astros, do primeiro homem, etc.; c) outros, como os vegetais, os animais (os peixes, as aves e até o corpo dos descendentes do primeiro homem, etc.) foram criados em potência, em suas *rationes seminales*.

ou o *ex nihilo* da Bíblia é um momento anterior à “matéria informe”, da qual Deus plasmou tudo. Ou seja, essa matéria informe, que não é um nada absoluto, é também criação de Deus, e que Agostinho identificou como o céu e a terra mencionados no primeiro versículo do Gênesis como sendo a primeira criação (*creatio prima*).

⁵ Cf. TRAPÈ, 1992, vol. II, p. 394, que diz: “Deus cria do nada, e cria segundo as razões eternas, que outra coisa não são senão ideias exemplares, existentes na mente divina, por cuja participação todas as coisas são o que são. O exemplarismo é uma das teses fundamentais do augustinismo e tem um valor metafísico e gnosiológico”.

⁶ Toda referência a obra “As *Confissões*” segue doravante a esta edição da BAC, abreviada pela sigla *Conf.*

Depois de demonstrar que o mundo foi criado a partir do nada, ainda ali, no *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, I, 4 et seq., Agostinho explica como Deus criou, ou qual o instrumento utilizado para criar o mundo, a saber: a Palavra ou o Verbo de Deus⁷, onde estão contidas as “ideias divinas” ou “razões eternas”⁸, de forma que Deus havia pensado todas as coisas desde a eternidade: as que fez, as que pode fazer e fará, e as que pode fazer mas nunca fará.

2 O universo é perfeitamente ordenado

Se a adoção do princípio da criação *ex nihilo* isentava Agostinho de todos os erros das cosmologia anteriores a ele, a saber: necessitarismos, materialismos, panteísmos, etc., entretanto, o induz a cair em um outro erro: o de responsabilizar a Deus pela origem do mal no mundo, já que Ele é o único criador de tudo que existe.

A preocupação em salvaguardar a obra da criação, o universo, das acusações de que, sendo Deus o criador de tudo, não seria Ele o responsável pelos males do universo?, aparece já nos primeiros escritos agostinianos, especialmente na obra *Sobre a Ordem*, que é resultado de uma das discussões entre Agostinho e seus amigos, no retiro de Cassiciaco, onde, num primeiro momento, com a intenção de refutar os maniqueus, Agostinho vai investigar e mostrar que o mal não se encontra no universo, criado e governado por Deus.

Ali, no diálogo *Sobre a Ordem*, a discussão inicia-se quando, durante uma noite chuvosa, enquanto observava o barulho variado provocado pela água escorrendo pelas calhas da casa (cf. *De ord.* I, 3, 6)⁹, Agostinho indaga os amigos acerca das razões de tal fato: “Qual vos parece, pois, a causa da alternância deste barulho?” (*Ibidem.*, I, 3, 7).

Como resposta, depois de introduzir uma rápida discussão acerca da teoria da causalidade nos antigos, baseado especialmente nas obras *De divinatione*, de Cícero, e no *Metamorphosis*, de Ovídio, onde todos concordaram com estes que no universo

⁷ Sobre a Palavra ou o Verbo, como instrumento usado por Deus na criação, cf., também, as obras agostinianas: *Sobre a Trindade*, VI, 10, 11; *Sobre a Cidade de Deus*, XI, 21 e o *Sobre a Natureza do Bem*, 26, onde diz: “Deus fez, não de coisas que já existiam, mas sim daquilo que em absoluto não existia ou seja, do nada, as coisas que não gerou de si, mas que fez pelo Verbo”.

⁸ Agostinho trata das “ideias eternas” ou “razões eternas” especialmente no *De ideis*, que é uma parte da obra *Sobre as 83 questões diversas (De diversis quaestionibus octoginta tribus)*, onde, refutando o emanacionismo plotiniano, diz que o mundo não emanou de Deus, mas este primeiro o criou em sua mente, como ideias, e depois materializou tais ideias fora de si, a partir do nada. Ou seja, o pluralismo no mundo é a materialização das razões eternas, mas não a emanção de Deus.

⁹ Toda referência a obra “*Diálogo sobre a Ordem*” segue doravante a esta edição da BAC, abreviada pela sigla latina *De Ord.*

há uma ordem de causas, Agostinho, com seu gênio intuitivo, conduz a questão a um problema filosófico, perguntando:

Responde-me primeiro a isto: por que te parece que esta água não corre fortuitamente, senão com ordem? [...]. Por que as folhas caem do modo que dizes, dando lugar ao fenômeno que nos admira, como pode relacionar-se com a ordem? Não será mais obra do acaso? (*Ibidem.*, I, 4, 11).

Ou, em outras palavras: o que dá origem a um evento fora do curso ordinário de eventos? Será que pode algo acontecer por acaso, ou devemos buscar ordem também em coisas aparentemente aleatórias? Em suma, Agostinho colocava em debate uma velha questão filosófica discutida desde os gregos até nossos dias, a saber: se existe acaso ou não no universo.

Para resolver tais questões, Agostinho começa por adotar o axioma filosófico-natural-aristotélico, segundo o qual nada acontece no universo sem uma causa, ou nada acontece ou é levado à existência que não seja levado à existência por alguma causa, e dá-lhe uma nova conotação filosófico-religiosa, transformando-o no segundo princípio de sua nova cosmologia. De acordo com esta, Deus - providência, onisciência e onipotência, tudo criou e tudo governa, de tal forma que nada acontece ou existe no universo que esteja fora da ordem dada e governada por Deus, pois

como pode existir contrário ao que tudo ocupa, ao que tudo governa? Porque o que é contrário à ordem deveria existir fora da ordem. E nada veio posto fora da ordem, nem se pode pensar que haja nada contrário a Ele (*Ibid.*, I, 6, 15).

Isso impossibilita tanto a existência do acaso quanto de um outro princípio ontológico originante em si mesmo, além de Deus, como pensavam os maniqueus.

Entretanto, a posição de Agostinho abria espaço para uma grande questão, que no texto *Sobra a Ordem* é levantada por Trigêncio, um segundo interlocutor, que diz: Se tudo está dentro da ordem, então “os bens e os males estão dentro da ordem?” (*Ibidem.*, I, 6, 16).

Agostinho percebe que aí há um paradoxo. Por um lado, o mal, ou melhor, os efeitos do mal, existem, nos cercam e nos amedrontam. E como tais devem estar dentro da ordem do universo, já que nada encontra-se fora da ordem. Mas, por outro lado, o mal não pode existir em si mesmo, não pode ter consistência ontológica, pois, do contrário, teria de ser obra de Deus, já que nada existe no universo que não tenha

sido feito por Ele. Por isso, dá dois tipos de respostas:

Num primeiro momento, afirma que sim, “pois nada vejo que erre sem causa. E a série de causas pertence à ordem. E o erro não só tem causas que o produzem, senão efeitos que o seguem” (*Ibidem.*, I, 6, 16)¹⁰.

Mas, a discussão continua e, Agostinho conduzirá seus interlocutores a assumirem a tese (segundo momento), que defenderá até ao fim da vida, de que, no universo, criado e governado por Deus, não há espaço para a existência do mal, ou que o mal em si não existe¹¹. O que chamamos de males, ou são apenas os efeitos do mal, ou não passa de uma visão deturpada do universo, conforme veremos a seguir.

3 Toda natureza em si é um bem: o universo é perfeito no todo e nas partes

Depois de ter demonstrado que todas as coisas do universo foram criadas e são governadas por Deus, Agostinho dá um passo à frente e passa a defender um terceiro princípio, segundo o qual toda natureza criada por Deus não pode ser senão o bem. No tratado *Sobre a Natureza do Bem*¹², por exemplo, diz que “todas as coisas boas, quer grandes ou pequenas, em qualquer dos seus graus, não podem existir senão por Deus e toda a natureza, enquanto natureza, é um bem” (*De nat. boni*, 1).

Mais do que isso, só o bem existe; ou, num sentido inverso, onde não existir o bem não existe o ser, e vice-versa:

As coisas em que o modo, a espécie e a ordem são grandes, são grandes bens; as coisas em que são pequenas, são pequenos bens; onde não existem, nenhum bem existe. Finalmente, onde estas três coisas são grandes, são grandes as naturezas; onde são pequenas, são pequenas as naturezas; onde não existem, nenhuma natureza existe. Logo, toda a natureza é boa (*Ibid.*, 3).

⁹ Ruy Afonso Nunes resume bem os princípios da ordem apresentados nos primeiros momentos do diálogo *Sobre a Ordem*, sintetizando-os em quatro teses: “1 - Nada se produz sem causa: nada acontece senão em virtude de uma ordem infalível de causas; 2 - Todas as causas têm um fim; 3 - É do encadeamento de todas as causas que resulta a ordem pela qual Deus tudo governa, posto que nada acontece que não seja produzido e posto em movimento por alguma causa; 4 - A ordem chega a abranger o erro ou o mal - pois a ordem tudo envolve. Deus não produz nem ama o mal. Ele tolera o mal na ordem e só ama o bem e a ordem. É da harmonia dos contrários, dos termos antitéticos do bem e do mal que procede a beleza do conjunto” (1955, p. 44).

¹¹ Conforme Regis Jolivet, “Santo Agostinho é conduzido, em sua polémica contra os maniqueus, a afirmar que a ordem física, por si, não pode admitir a existência do mal” (1936, p. 59).

¹² Toda referência a obra “*Sobre a Natureza do Bem*” segue doravante a esta edição da BAC, abreviada pela sigla *De nat. boni*.

Para Agostinho, as coisas não só são boas, mas necessárias ou úteis. Se não para este ou aquele homem, em particular, mas são boas para o conjunto do universo. Por isso, ao refutar as acusações dos maniqueus que diziam: “Se Deus mandou que nascessem da terra a erva alimentícia e as árvores frutíferas, quem imperou o nascimento de tantas ervas espinhosas e venenosas que não servem de alimento, e tanta variedade de árvores que não dão frutos?” (*De Gen. contra man.*, I, 13, 19), Agostinho diz que não há um único ser que não seja bom e que não ocupe uma função ou finalidade dentro do conjunto do universo. Assim sendo, até os animais mais ínfimos e peçonhentos em si mesmos são bons e se enquadram perfeitamente na ordem do universo. É o que vemos, por exemplo, em uma outra obra antimaniqueia, o tratado *Sobre os Costumes da Igreja Católica e dos Maniqueus*¹³, respondendo à objeção de um de seus adversários maniqueus de que, se um escorpião o picasse a mão, este perceberia, na prática, que existem verdadeiramente males naturais, ou seres maus no universo. Eis o que disse o maniqueu:

Minha maior satisfação seria pôr em suas mãos um escorpião e ver se ele retirasse ou não a mão. Se a retirasse é sinal, contra suas próprias palavras, que o mal é uma substância. Se é que não tinha a ousadia de negar que este animal o é (*De mor.*, II, 8, 11).

A isso replica Agostinho:

Quem não sabe, ainda que seja muito pouca a sua instrução, que estas coisas danificam a natureza, quando se encontram em condições contrárias as suas, e não prejudicam, quando se acham nas mesmas condições, e com muita frequência são de grande utilidade? Se o veneno de sua natureza fosse um mal, sua primeira vítima seria o mesmo escorpião; mas sucede o contrário; se se lhe retirar totalmente o veneno, inevitavelmente ele perece. Pelo que se vê ser um mal para seu corpo perdê-lo e para o nosso recebê-lo; um bem para ele tê-lo e um bem para nós o carecer dele. Logo, uma mesma coisa é boa e má? (*Ibid.*, II, 8, 11).

Em outra obra, o já citado tratado *Sobre a Natureza do Bem*, radicalizando ainda mais sua posição de que não existe natureza má, Agostinho diz que,

nem mesmo o próprio fogo eterno (o inferno), que há de atormentar os ímpios, é uma natureza má. Ele tem o seu modo, a sua espécie,

¹³ Toda referência a Obra *Sobre os Costumes da Igreja Católica e dos Maniqueus* segue doravante a esta edição da BAC abreviada pela sigla latina, *De mor.*

e a sua ordem, e nenhuma iniquidade o corrompe. Mas o tormento é um mal para os condenados por causa dos seus pecados. Do mesmo modo, também a luz que faz mal a quem tem os olhos infectados não é uma natureza má (*De nat. boni*, 38).

Agostinho admite, sim, baseado na teoria da participação de Plotino, que no universo existem graus diversos de perfeições. Primeiro, porque Deus não fez todas as coisas com o mesmo grau de perfeição que Ele. Sumamente perfeito, só Deus¹⁴. As coisas criadas têm seu grau de maior ou menor perfeição em sua participação Nele.

Assim, na hierarquia descendente de valores, diz ele no tratado *Sobre a Cidade de Deus*¹⁵,

os seres que têm algo de ser e que não são o que Deus é, seu autor, são superiores aos viventes e não-viventes, como os que têm força generativa ou apetitiva, aos que carecem desta vitalidade. E, entre os viventes, os sencientes são superiores aos não-sencientes, como às árvores os animais. Entre os sencientes, os que têm inteligência são superiores aos que não a têm, como aos animais os homens. E, ainda, entre os que têm inteligência, os imortais são superiores aos mortais, como aos homens os anjos (*De civ. Dei* XI, 16).

E essa disposição ou hierarquia faz parte da divina ordem ou justiça divina, segundo a qual as coisas foram ordenadas, de maneira que as menos firmes cedam lugar às mais firmes, as mais fracas às mais fortes e as menos poderosas às mais poderosas, do mesmo modo que as coisas terrestres obedecem às celestes, como as inferiores às superiores (*De nat. boni*, 8).

Em segundo lugar, como consequência da primeira, as coisas se corrompem ou mudam¹⁶, conforme resume Agostinho em um pequeno monólogo, no tratado *Sobre a Verdadeira Religião*¹⁷:

¹⁴ Paul Ricoeur mostra que essa distinção ontológica entre criador e criatura será de grande importância para solução do mal em Agostinho: “Uma distinção ôntica entre o criador e a criatura permite falar de deficiência daquele que é criado enquanto tal; em virtude desta deficiência, torna-se compreensível que criaturas dotadas de livre escolha possam ‘declinar-se’ longe de Deus e ‘inclinarem-se’ em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada” (1988, p. 32).

¹⁵ Toda referência a Obra “*A Cidade de Deus*”, segue doravante a esta edição da BAC abreviada pela sigla latina, *De civ. Dei*.

¹⁶ Maria Bettetini mostra que, ao admitir a corrupção dos seres criados, Agostinho deixa claro que a “Ordem” por ele concebida, ou sua Estética, não é um conceito estático, mas dinâmico (cf. 1994, p. 73).

¹⁷ Toda referência a Obra “*Sobre a Verdadeira religião*”, segue doravante a esta edição da BAC abreviada pela sigla latina, *De vera rel.*

- Ao me objetares: - Por que fenecem as criaturas? - Respondo:
- Pelo fato de serem mutáveis.
- Por que são mutáveis? - Porque não possuem a suma perfeição.
- Por que não possuem a suma perfeição? - Por serem inferiores a quem os criou.
- Quem as criou? - O ser absolutamente soberano.
- Quem é ele? - Deus, a imutável Trindade, que com infinita sabedoria as fez, e com suma benignidade as conserva [...] (*De vera rel.*, 18, 35)¹⁸.

Assim, partindo da noção plotiniana de degradação ou despotencialização do bem nos seres, Agostinho admite uma hierarquia de valores entre os seres do universo, só que, conforme vimos, contrariamente aos maniqueus, que concebiam a matéria como o mal, e Plotino, que via a matéria como o lugar do mal, Agostinho afirma que também esta é um bem, e que por mais corrompida que esteja, ou enquanto houver natureza, haverá bem:

Toda natureza que pode ser corrompida é também um certo bem; na verdade, a corrupção não a poderia prejudicar, a não ser retirando ou diminuindo o que é bom (*De nat. boni*, 6).

Ou seja, em Agostinho, bem, natureza e ser são sinônimos. Onde não existir um, não existirá o outro. E onde existir um, necessariamente existirá o outro.

Mais do que isso, Agostinho diz que a existência de graus diversos de perfeição entre os seres, seja por disposição natural (inferiores e superiores), seja por se corromperem, em nada atrapalha a harmonia ou ordem do universo. Pelo contrário, serve para confirmá-la, como diz Graziano Ripanti; “A desordem é concebível só no interior da ordem: a ordem não nasce da desordem, mas vice-versa ‘há desordem porque há ordem’” (RIPANTI, 1994, p 108).

A imperfeição, ou melhor a diferença entre os seres só é percebida, quando comparados uns com os outros, e estes com a perfeição suprema de Deus. Mas, tomados individualmente e no seu conjunto, todos são perfeitos:

Todas as coisas que são pequenas, quando comparadas com as maiores, recebem os nomes que a elas se opõem. Assim, comparada à forma do homem, que é maior e mais bela, a beleza do símio pode dizer-se disforme. Isto engana os imprudentes, que dizem que aquela é um bem e esta um mal, não entendendo, no corpo do símio, ao

¹⁸ Igualmente no tratado *Sobre a Natureza do Bem*: “Só Ele é imutável, todas as coisas que criou, pelo fato de as ter criado do nada, são mutáveis” (*De nat. boni*, 1).

seu modo próprio, à simetria de um e de outro lado dos membros, à harmonia das partes, ao cuidado de sua conservação e outros detalhes que seria prolixo enumerar ou descrever (*De nat. boni*, 14).

Ou seja, o universo é perfeito em suas partes e no conjunto. Por isso, conclui, noutra obra:

Nós dizemos que não existe nenhum mal natural, senão que todas as naturezas são boas e que o mesmo Deus é a suma natureza e as demais são naturezas por Ele. E enquanto são, todas são boas, porque Deus fez todas inteiramente boas, mas ordenadas em seus graus distintos, de tal modo que umas são melhores que outras, e assim se completa com toda esta classe de bens este universo, o qual, tendo alguns seres perfeitos e outros menos perfeitos, é todo ele perfeito (*De Gen. contra man.*, II, 29, 43).

Portanto, Agostinho não tem dúvida de que a ordem da natureza é perfeita, no todo e em suas partes. O problema é que, segundo ele, nós, homens, seres limitados, cuja visão está ofuscada pelo pecado¹⁹, por não vermos o universo no seu conjunto ou na totalidade, mas tão somente em partes, somos tentados a ver certas partes como más, ou a julgar, de acordo com nossos interesses particulares (soberba), determinada parte isolada como desordenada ou desproporcional, mas que, quando encaixadas na totalidade são perfeitamente ordenadas²⁰.

É assim que todos os seres do universo estão ordenados à beleza do universo, de tal maneira que, o que nos choca em um detalhe, não poderia senão nos agradar extremamente se considerássemos o todo. Na realidade, não existe mal no universo, nós é que julgamos, de acordo com nossos interesses, as coisas como más. Mas em si mesmas elas são todas boas.

Por isso, Agostinho diz que, por não sabermos por que Deus fez determinadas coisas, não devemos julgá-las como más e/ou destruí-las, pois, certamente, quando colocadas no conjunto do universo, são perfeitamente boas e úteis. E recomenda:

¹⁹ Comentado essa limitação do homem, que o impede de ver a totalidade do universo, Ruy Afonso Nunes diz: "A razão de muita gente não poder compreender a ordem universal reside na incapacidade de conhecer-se a si mesma. Para que nós possamos compreender a unidade do todo, é preciso que a alma entre em si mesma, a fim de descobrir a unidade. Pois, é curando-se da dissipação por meio da solidão e dos estudos (das disciplinas liberais) e concentrando-se em si mesma, para além dos sentidos, que a alma vem a compreender a beleza do universo" (1955, p. 44).

²⁰ Para Maria Bettegini, "a ideia central em torno da qual gira toda a cosmologia de Agostinho é a noção de *ordine*, na qual a principal característica é a totalidade" (1994, p. 73). Cf. também, Josef Tscholl (cf. 1996, p. 38-45), que insiste na ideia de totalidade ou unidade como meio de se entender a ideia de ordem ou de belo em Agostinho.

Se te desagrada o que não é útil [...], porque não são necessários para nossa casa, no entanto, por eles se completa a integridade do universo, a qual é muito mais excelente e excelsa que nossa casa. O Senhor governa muito melhor esta casa do mundo do que cada um de nós governa a sua. Portanto, guarda-te das coisas nocivas e despreocupa-te das supérfluas (*De Gen. contra man.*, I, 16, 26).

Portanto, o que chamamos de mal ou desordem no universo, para Agostinho não passa de déficit, ignorância ou falta de conhecimento, por parte do homem, de suas verdadeiras causas. Ou melhor, falta-nos uma visão de conjunto, ou de totalidade do universo, que é o quarto princípio da nova cosmologia agostiniana.

Referências

AGUSTÍN, San. La ciudad de Dios. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción y notas de Jose Moran. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1958. Tomos XVI-XVII, 1728 p.

AGUSTÍN, San. Las confesiones. *In: Obras Completas de San Agustín*. Traducción, introducción y notas de Angel Custodio Veja. 3 ed. bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1955. Tomo II, 731 p.

AGUSTÍN, San. Del orden. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción e notas de Victorino Capanaga. 3 ed. bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1957. Tomo I, p. 673-812.

AGUSTÍN, San. De la naturaleza del bien: contra los maniqueus. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción y notas de Mateo Lanseros. ed. bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1951. Tomo III, p. 973-1047.

AGUSTÍN, San. De las costumbres de la Iglesia catolica y de las costumbres de los maniqueos. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción y notas de Teófilo Prieto. ed bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1948. Tomo IV, p. 235-451.

AGUSTÍN, San. Del Genesis contra los maniqueos. *In: Obras completas de san Agustín*. Traducción, introducción y notas de Balbino Martin. ed. bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1957. Tomo XV, p. 351-498.

AGUSTÍN, San. Tratado sobre la Santísima Trinidad. *In: Obras Completas de San Agustín*. Traducción, introducción y notas de Luis Arias. 2. ed. bilingue. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1956. Tomo V,

AGUSTÍN, San. De la verdadera religión. *In: Obras completas de san Agustín. Traducción, introducción y notas de Victorino Capanaga. ed. bilingüe. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1948. Tomo IV, p. 3-233.*

AZCONE, José Luis. A importância da natureza como lugar da ação de deus: noção de criação em santo Agostinho. *In: VV.AA. Ecoteologia Agostiniana: Simpósio de reflexão sobre a ecoteologia agostiniana a partir da América Latina. São Paulo: Paulus, 1996, p. 27-81.*

BETTETINI, Maria. La misura delle cose: struttura e modelli dell'universo secondo Agostino d'Ipbona. Milano: Rusconi, 1994. 268 p.

JOLIVET, Regis. Le problème du mal d'après saint Augustin. Paris: Gabriel Beauchesne et Ses Fils Éditeurs, 1936. 167 p.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. Os diálogos de Cassiciacum. *In: VV.AA. Atualidade de santo Agostinho. Sorocaba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, 1955.*

RICOEUR, Paul. O mal: um desafio à filosofia e à teologia. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papyrus, 1988. 53 p.

RIPANTI, Graziano. Ermeneutica del male. *In: V SEMINARIO DEL CENTRO DI STUDI AGOSTINIANI DI PERUGIA - "Il mistero del male e la libertà possibile: lettura dei dialoghi di Agostino" (ROMA: 1994). ATTI. Sezione di Studio I. Roma: Institutum Patristicum "Agustinianum", 1994. p. 99-107.*

TRAPÈ, Agostino. Introduzione generale. *In: Sant'Agostino: dialoghi: La grandezza dell'anima, Il libero arbitrio, La musica, Il maestro. Roma: Città Nuova Editrice, 1992. vol. II, p. VII-XXV.*

TSCHOLL, Josef. Dio & il bello in sant'Agostino. Milano: Edizione Ares, 1996. 175 p.